



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LETRAS**

LAYSA VALÉRIA ALVES DE SOUSA

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES
CRÍTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA
ESCOLA PÚBLICA**

GUARABIRA –PB

2019

LAYSA VALÉRIA ALVES DE SOUSA

**A IMPORTANCIA DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES
CRÍTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA
ESCOLA PÚBLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso. Artigo apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III. Guarabira –PB. Como requisito total para a obtenção do título de Bacharel em Letras.
Área de concentração: Português

Orientador: Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins

**GUARABIRA –PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S719i Souza, Laysa Valeria Alves de.
A importância da leitura para a formação de leitores críticos na educação de jovens e adultos (EJA) na escola pública [manuscrito] / Laysa Valeria Alves de Souza. - 2019.
30 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."
1. Leitura. 2. Incentivo. 3. Educação de Jovens e Adultos.
I. Título

21. ed. CDD 372.6

LAYSA VALÉRIA ALVES DE SOUSA

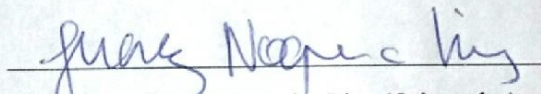
**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA FORMAÇÃO DE LEITORES
CRÍTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA
ESCOLA PÚBLICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso. Artigo apresentado ao Departamento do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III. Guarabira -PB. Como requisito total para a obtenção do título de Bacharel em Letras.

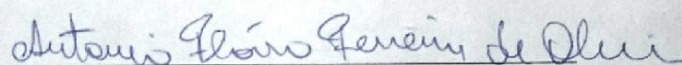
Área de concentração: Português

Aprovada em: 29/11/2019.

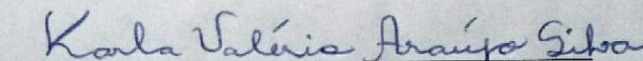
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Juarez Nogueira Lins (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Antônio Flávio Ferreira De Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Esp. Karla Valéria Araújo Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Agradeço este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, ao meu pai Josenaldo Alves da Silva, minha mãe Edja Quitéria Claudino de Sousa e às minhas amadas irmãs.

Ao meu esposo Kleydson Eugênio Soares de Souza, quero dizer que foi essencialmente para que eu chegasse até aqui, me dando forças e sempre me apoiando, não poderia deixar de agradecer a minha filha amada e tão esperada Sophia Vitória Alves Soares que foi meu combustível nas horas que eu mais precisei, quando eu pensava em desistir era ela, aquele pedacinho de gente que me dava total convicção que eu iria conseguir, e a toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Dedico este trabalho aos meus avós paternos e maternos, “In Memoriam”, pela existência de meus pais, pois sem eles este trabalho e muitos dos meus sonhos não se realizariam.

Ao Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba e às pessoas com quem convivi nesses espaços ao longo desses anos. A experiência de uma produção compartilhada na comunhão com amigos nesses espaços foi a melhor experiência da minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A IMPORTANCIA DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA ESCOLA PÚBLICA

THE IMPORTANCE OF READING FOR THE TRAINING OF CRITICAL READERS IN YOUTH AND ADULT EDUCATION (YAE) IN PUBLIC SCHOOL

Laysa Valéria Alves de Sousa¹

RESUMO

Essa pesquisa aborda a importância da prática da leitura no processo de ensino e aprendizagem, bem como a importância de manter hábitos de leitura constantes. Uma vez que, um leitor assíduo, se torna capaz de compreender melhor o mundo à sua volta. A Educação de Jovens e Adultos, como educação popular, deve traçar estratégias de motivação para que os alunos consigam driblar os entraves que se apresentam para a falta de interesse. O professor como mediador desse processo, deve ser criativo e se propor a considerar as especificidades dos educandos, para que as metodologias que utilizam a leitura tenham melhor aproveitamento e despertem acima de tudo, o apreço pelo conhecimento através dos livros. O objetivo geral da pesquisa foi analisar as metodologias adotadas para a inserção e motivação da leitura na modalidade EJA. Os objetivos específicos foram: traçar o perfil dos educandos da EJA da escola estudada, investigar a importância e o significado da leitura para esses indivíduos, observar se há incentivo por parte do professor de português em relação a essa prática. Essa pesquisa teve cunho qualitativo, para tanto, foi feito um estudo de campo na EJA José Soares de Carvalho-Guarabira-PB, com dois questionários a partir de questões semiestruturadas. Depois da coleta de dados, concluiu-se que a escola apresenta um quadro preocupante no que se refere à leitura, não foi revelado nenhum projeto de incentivo, não existem estratégias específicas para inserção do hábito de ler e nem discussões a respeito do fator social atrelado à leitura. Apesar de todos saberem da importância da leitura, poucos leram um livro completo.

Palavras-chave: EJA. Leitura. Incentivo.

¹ Aluna de Graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III- Guarabira-PB.
E-mail: laysavaleria2018@gmail.com

ABSTRACT

This research addresses the importance of reading practice in the teaching and learning process, as well as the importance of maintaining constant reading habits. Since, a assiduous reader, he becomes able to better understand the world around him. The Education of Young people and adults, as a popular education, must outline motivation strategies for students to overcome the obstacles that present themselves to the lack of interest. The teacher as a mediator of this process, should be creative and propose to consider the specificities of the students, so that the methodologies that use reading have better use and awaken above all, the appreciation for knowledge through the Books. The general objective of the research was to analyze the methodologies adopted for the insertion and motivation of reading in the EJA modality. The specific objectives were: to trace the profile of eja students from the studied school, to investigate the importance and meaning of reading for these individuals, to observe whether there is encouragement on the part of the Portuguese teacher in relation to this practice. This research had qualitative nature, for this purpose, a field study was conducted at the EJA José Soares de Carvalho-Guarabira-PB, with two questionnaires based on semi-structured questions. After data collection, it was concluded that the school presents a worrying picture with regard to reading, no incentive project was revealed, there are no specific strategies for insertion of the habit of reading or discussions about the social factor tied to reading. Although everyone knows the importance of reading, few read a complete book.

Keywords: EJA. Reading. Incentive.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil e sua relevância social	9
2.1 A EJA na Constituição de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases (LDB)	13
3 A prática da leitura no contexto da EJA	15
4 METODOLOGIA	18
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25
ANEXOS	27
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	27
APÊNDICES	29
APÊNDICE A -QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS	29
APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR	30

1 INTRODUÇÃO

A inserção da prática da leitura na modalidade de Educação de Jovens e Adultos é importante não apenas porque se apresenta como uma ferramenta para a aprendizagem e melhoramento da escrita, mas a sua importância está no fato de que pode propiciar a esses indivíduos a capacidade de enfrentar as adversidades do meio social. De posse do entendimento das questões reflexivas que abarcam os diferentes tipos de textos em sua volta, poderão compreender e interpretar melhor as situações cotidianas da contemporaneidade.

A modalidade EJA, enquanto educação popular, teria que ter como premissa, a intencionalidade de capacitar seus educandos a ler e escrever, de modo a conectá-las com o mundo, de maneira efetiva, utilizando recursos de acordo com as suas especificidades, e assim propiciar uma visão crítica e reflexiva a esses indivíduos. Para isto, é necessário que a prática da leitura seja constante. Diante de tais pressupostos, surgiram as seguintes indagações: como acontece o processo de desenvolvimento da leitura na modalidade EJA José Soares de Carvalho-Guarabira-PB? Quais as maiores dificuldades de motivação da leitura para os alunos?

Para tanto, esta pesquisa teve como objetivo geral: analisar as metodologias adotadas para a inserção e motivação da leitura na modalidade EJA. Os objetivos específicos foram: traçar o perfil dos educandos da EJA da escola estudada, investigar a importância e o significado da leitura para esses indivíduos, observar se há incentivo por parte do professor de português em relação a essa prática. Por se de natureza qualitativa a presente abordagem se deu por meio de uma pesquisa de campo, realizada na EJA Escola Cidadã Integral José Soares de Carvalho, na cidade de Guarabira – PB.

Com um aporte teórico para discutirmos sobre a importância da leitura da Educação de Jovens e Adultos, nos fundamentamos nos seguintes autores: Freire (1989), Haddad e Di Pierro (2000), Soares (1996), Martins (2013), entre outros. Além do aporte dos marcos normativos, como a Constituição Federal de 1988, A Lei de Diretrizes e Bases (1996) e os Parâmetros Nacionais Curriculares (1997).

Sendo essa pesquisa esquematizada por tópicos, que iniciou com: **A história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil e sua relevância social**. Que tratou de fazer uma análise da trajetória da Educação de Jovens e Adultos no nosso país, trazendo concepções sobre as interferências do contexto histórico-sócio-político de cada época. Seguida de uma análise jurídica com o tópico **A EJA na Constituição de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases (LDB)**, que versa como as leis vigentes respaldam a educação destinada a

peessoas que não concluíram seus estudos em idade adequada. Depois trata da **A prática da leitura no contexto da EJA**, que é analisada como a prática da leitura influencia no processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos da EJA.

É de extrema importância enfatizar que a leitura é fundamental na vida dos indivíduos, é por meio dela que se compreende desde a decodificação de símbolos gráficos, até a análise reflexiva dos seus conteúdos.

Os resultados e discussões trazem os relatos dos alunos e do professor entrevistado, por um questionário semiestruturado, que possibilitou saber um pouco do perfil dos estudantes e qual a relação deles com a leitura. Meio que deu possibilidade de atingir os objetivos propostos na pesquisa. Pois foi através dele, que analisamos até que ponto a leitura é usada como meio de aquisição de conhecimento empírico e de mundo.

2 A história da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil e sua relevância social

A trajetória da Educação de Jovens e Adultos em nosso país sempre sofreu interferências do contexto histórico-sócio-político de cada época. No período colonial do Brasil, apenas as classes mais abastadas tinham acesso ao conhecimento, não havia necessidade de alfabetizar jovens e adultos, a classe pobre era desfavorecida, não tinham acesso à escola. A educação brasileira teve seu início com a vinda dos jesuítas para o Brasil, cujo intuito era difundir o catolicismo, iniciado a partir da catequização dos povos indígenas. Como assevera Ghiraldelli Júnior (2008, p.24):

A educação escolar no período colonial, ou seja, a educação regular e mais ou menos institucional de tal época, teve três fases: a de domínio dos jesuítas, a da reforma do Marquês de Pombal, principalmente depois da expulsão dos jesuítas do Brasil e de Portugal em 1759, e a do período que D. João VI, então Rei de Portugal, trouxe a corte para o Brasil -1808- 1821.

O intuito do ensino jesuítico se restringia a propagar a fé cristã, e totalmente destituído de transmissão de conhecimento, isso ocorreu até o período pombalino. Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil modificou-se o panorama educacional brasileiro, havendo necessidade de organização no sistema de ensino, que pudesse atender à aristocracia portuguesa.

Na época imperial novas ações ocorreram sobre a educação, foram abertas escolas noturnas destinadas a adultos, no entanto, tinham baixa qualidade. De acordo com Soares (1996), a Constituição Imperial de 1824 reservava a todos os cidadãos a instrução primária

gratuita, porém essa titularidade de cidadania ficava restrita às pessoas livres saídas das elites, e que viriam a ocupar funções na burocracia imperial ou exercer funções políticas.

A partir da década de 1930, a educação de adultos começou a demarcar melhor lugar na história da educação no Brasil. No governo de Getúlio Vargas, com a criação do regime militar chamado de “Estado Novo”, passou-se a organizar a educação de forma a atender as demandas do setor produtivo. A constituição de 1934, embora com caráter mais progressista no que se refere à educação, perdeu espaço para a nova Constituição de 1937, que tirava do Estado a responsabilidade para com a formação educacional do país. De acordo com Ghiraldelli Júnior (2008, p. 78):

O ordenamento democrático alcançado em 1934, quando a letra da lei determinou a educação como um direito de todos e obrigação dos poderes públicos foi substituído por um texto que desobrigou o Estado de manter e expandir o ensino público.

Tal Constituição foi criada para favorecer o Estado, pois ao tirar a responsabilidade quanto a educação, procurava de formar uma sociedade subserviente, que aceitasse o que lhe fosse imposta. Ela não tinha interesse que o conhecimento crítico se propagasse e buscava em suas práticas o favorecimento ao ensino profissionalizante, assim seria mais viável, economicamente falando, capacitar os jovens e adultos para o trabalho nas indústrias.

O processo de industrialização gerou a necessidade de mão de obra especializada, sendo criadas nessa época, escolas noturnas para a capacitação de jovens e adultos, assim como a migração da população rural e a necessidade de aumentar a base eleitoral, também foram fatores que contribuíram para a oferta dessa modalidade educacional, embora, seu intento se restringisse a promover mão de obra qualificada para trabalhos nos centros industriais, percebe-se um lento avanço no setor educacional.

Na década de 40, o governo lança a primeira campanha de alfabetização de jovens e adultos, que tinha a intenção de alfabetizar os indivíduos em três meses. Com o fim dessa campanha, que foi carregada de críticas por parte da sociedade acadêmica, Paulo Freire foi o responsável por organizar e desenvolver um programa nacional de alfabetização de adultos. (MARTINS; AGLIARDI, 2013).

Dentro da perspectiva de Paulo Freire, a educação apresentada até então, era pautada por metodologias desmotivantes, ou seja, não apresentavam possibilidades de reflexão sobre os assuntos, pois apresentavam respostas prontas, práticas muito desvinculadas da realidade dos seus educandos. Quanto ao ato de alfabetizar considerando as especificidades dos educandos, Paulo Freire afirmava:

Alfabetizar é mais que o simples domínio dessas técnicas para escrever e ler. (...). Implica uma auto formação da qual se pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto. Para isso, a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas ajustado pelo educador. Isso faz com que o papel do educador seja fundamentalmente diálogos com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhes os meios com os quais possa se alfabetizar. (FREIRE, 1989, p.72).

A contribuição de Paulo Freire para a EJA foi muito significativa e seus métodos inovadores deixaram um legado muito expressivo até os dias atuais, pois sempre lutou pelo fim da educação elitista, como bem expressa na menção supracitada. Ele objetivava uma educação democrática e libertadora, que partisse da realidade e da vivência dos educandos.

No início da década de 60, apesar do contexto político turbulento, iniciava-se um processo de renovação pedagógica, o Plano Nacional de Educação (PNE). Haddad e Di Pierro (2000) elencam alguns movimentos importantes que foram implementados no país, tais como o Movimento de Educação de Base, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, estabelecido com o patrocínio do Governo Federal, no ano de 1961, o Movimento de Cultura Popular do Recife, os órgãos culturais da União Nacional dos Estudantes (UNE), a Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, da Secretaria Municipal de Educação de Natal. Em 1964 nasce o Programa Nacional de Alfabetização do Ministério da Educação e Cultura, que teve a presença marcante e atuante do professor Paulo Freire. Ainda de acordo com Haddad e Di Pierro (2000), parte desses programas funcionavam no âmbito estadual, ou sob sua chancela, apoiavam-se no movimento de democratização do ensino, assim como representavam a luta política por legitimação de ideias advindas através de novas práticas educacionais.

Medidas que duraram pouco, visto que, a ação de Freire sofreu uma ruptura com o Golpe Militar de 1964, pois as concepções educacionais de conscientização e possíveis mudanças, foram vistas como ameaçadoras. O golpe de 64 criou uma descontinuidade política que acabou por reprimir os movimentos educacionais e culminou na perseguição de seus idealizadores. A censura silenciou projetos que poderiam exercer ações conscientizadoras da realidade brasileira. O Estado exercia a coerção com intuito de normalizar as relações sociais, mas mantinha a proposta de erradicar o analfabetismo, foi assim que, em 1967 foi fundado o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL).

Bello (2003) exemplifica bem a ligação do projeto MOBRAL com a fase ditatorial a qual o país passava:

Apesar dos textos oficiais negarem, sabemos que a primordial preocupação do **MOBRAL** era tão somente fazer com que os seus alunos aprendessem a ler e a escrever, sem uma preocupação maior com a formação do homem. Foi criado pela Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967, propondo a alfabetização funcional de jovens e adultos, visando "*conduzir a pessoa humana (sic) a adquirir técnicas de leitura, escrita e cálculo como meio de integrá-la a sua comunidade, permitindo melhores condições de vida*" Apesar da ênfase na pessoa, ressaltando-a, numa redundância, como humana (como se a pessoa pudesse não ser humana!), vemos que o objetivo do **MOBRAL** relaciona a ascensão escolar a uma condição melhor de vida, deixando à margem a análise das contradições sociais inerentes ao sistema capitalista. Ou seja, basta aprender a ler, escrever e contar e estará apto a melhorar de vida. (BELLO, 2003, s/p. Grifo do autor).

Com o regime militar, notou-se que houve um retrocesso educacional, pois as ideias de formação social pela educação voltou a ter um caráter tecnicista, ou seja, voltada para a formação de mão de obra para o trabalho. “A tendência tecnicista em educação resulta da tentativa de aplicar na escola o modelo empresarial, que se baseia na ‘racionalização’ própria do sistema de produção capitalista” (ARANHA, 1996, p. 231).

Ainda de acordo com Aranha (1996), o método Paulo Freire e o **MOBRAL** tinham metodologias e filosofias totalmente opostas, pois o **MOBRAL** priorizava a massificação e imposição dos conteúdos, utilizando-se de fichas de leituras e desconsiderando as diferenças regionais e singularidades dos alunos. Já o método de Freire partia dos conhecimentos prévios dos alunos, levando em consideração suas experiências de vidas e suas particularidades.

Apesar da expansão do **MOBRAL**, outras medidas foram tomadas para a erradicação do analfabetismo, como a Lei nº 5. 692/71, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que implementava o supletivo, trazia um capítulo específico, e nos artigos 24 e 25 expressavam:

Art. 24. O ensino supletivo terá por finalidade:

- a) suprir a escolarização regular para os adolescentes e adultos que não a tenham seguido ou concluído na idade própria;
- b) proporcionar, mediante repetida volta à escola, estudos de aperfeiçoamento ou atualização para os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte.

Parágrafo único. O ensino supletivo abrangerá cursos e exames a serem organizados nos vários sistemas de acordo com as normas baixadas pelos respectivos Conselhos de Educação.

Art. 25. O ensino supletivo abrangerá, conforme as necessidades a atender, desde a iniciação no ensino de ler, escrever e contar e a formação profissional definida em lei específica até o estudo intensivo de disciplinas do ensino regular e a atualização de conhecimentos. (BRASIL, 1971).

O que poderíamos considerar um ganho educacional, visto que se tratava do primeiro estatuto legal destinado à educação de jovens e adultos, nos apresenta em seu artigo 25 influências tecnicistas.

Apesar do discurso de erradicação do analfabetismo, o MOBRAL não atingiu índices satisfatórios, permaneceu em atuação até 1985, sendo substituída pela Fundação Educar.

O paralelismo anteriormente existente foi rompido por meio da subordinação da Fundação Educar à Secretaria de Ensino de 1º e 2º Graus do MEC. A educar assumiu a responsabilidade de articular, em conjunto, o subsistema de ensino supletivo, a política nacional de educação de jovens e adultos, cabendo-lhe fomentar o atendimento nas séries iniciais do ensino de 1º grau, promover a formação e o aperfeiçoamento dos educadores, produzir material didático, supervisionar e avaliar as atividades. (HADDAD E DI PIERRO, 2000, p. 120)

A EJA, no Brasil vem de uma trajetória de ações e programas destinadas à educação básica, mais especificamente aos programas que intentam à erradicação ao analfabetismo, mas conduzida durante décadas sob uma visão compensatória e vinculada à capacitação de mão de obra.

Essa modalidade não se restringe ao processo de ensino-aprendizagem e de conteúdos curriculares, mas é a construção de uma perspectiva de mudança social, é uma modalidade de ensino fundamental e médio, que oportuniza as pessoas que não tiveram condição de acesso à educação em idade adequada, continuarem seus estudos.

2.1 A EJA na Constituição de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases (LDB)

A educação é um direito fundamental, extensivo a todos, independentemente de qualquer condição e preconiza o papel da educação na vida dos sujeitos, como bem expressa o artigo 205 da Constituição Federal de 1988:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

O dispositivo legal supracitado ainda traz em seu bojo, no artigo 208, a prerrogativa de que a Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio) deverá ser ofertada obrigatoriamente e gratuitamente, também àqueles que não tiveram acesso à educação na sua idade própria, compreendendo dessa forma, a modalidade EJA.

Em 1990, surge um novo panorama brasileiro da Educação de Jovens e Adultos, com uma consciência que para haver uma sociedade mais igualitária e uma educação mais efetiva e eficaz, pois havia necessidade que todos os setores da educação se mobilizassem. Como explica Martins e Agliardi (2003), que nessa época emergiram iniciativas em favor da Educação de Jovens e Adultos, o governo incentivou os municípios a se engajarem nessa política, ocorrendo parcerias entre ONGs, universidades, grupos informais populares, Fóruns estaduais e nacionais.

Em 1996, com a promulgação da Lei nº 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, iniciou-se um marco de grande relevância da Educação de Jovens e Adultos, na qual a EJA passa a ser uma modalidade específica da Educação Básica nas etapas do Ensino Fundamental e Médio. Essa lei dispõe o que está previsto na Constituição, em seu artigo 37: “Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida”. (BRASIL, 1996).

Compreende-se que a promulgação da LDB, veio consolidar o estabelecido no artigo 205 da Constituição Federal de 1988, que delibera ser a educação um direito social e subjetivo², abrangente a todos, independentemente de qualquer situação e preconiza o papel da educação na vida dos sujeitos. Reafirmando a relevância da LDB, Machado (2009, p.20) diz que a LDB “é um ponto chave na chamada reconfiguração do campo”. Com a sua efetivação, a EJA passou a ser concebida como uma modalidade da Educação Básica, o que lhe confere uma dimensão diferente, na medida em que possibilita a superação de oferta de educação compensatória e aligeirada antes ofertada. Com o advento da LDB, se reafirmou o direito de jovens e adultos à escolaridade, responsabilizando o Estado pela sua oferta.

Nessa modalidade de ensino devem ser observadas a oferta e estrutura dos componentes curriculares, é o que expressa o parágrafo único do art. 5º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (Parecer CNE/ CEB 11/2000 e Resolução CNE/CEB 1/2000):

Art.5º (...)

Parágrafo único. Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio, de modo a assegurar:

² É a forma concreta de um direito que foi determinado pela lei e pode ser usufruído por uma pessoa.

- I - quanto à equidade, a distribuição específica dos componentes curriculares a fim de propiciar um patamar igualitário de formação e restabelecer a igualdade de direitos e de oportunidades face ao direito à educação;
- II- quanto à diferença, a identificação e o reconhecimento da alteridade própria e inseparável dos jovens e dos adultos em seu processo formativo, da valorização do mérito de cada qual e do desenvolvimento de seus conhecimentos e valores;
- III - quanto à proporcionalidade, a disposição e alocação adequadas dos componentes curriculares face às necessidades próprias da Educação de Jovens e Adultos com espaços e tempos nos quais as práticas pedagógicas assegurem aos seus estudantes identidade formativa comum aos demais participantes da escolarização básica. (BRASIL, 2000).

Ainda de acordo com o parecer supracitado, a EJA possui três funções principais: a reparadora, a equalizadora e a qualificadora. Barbosa (2010) exemplifica essas principais funções, quando diz que a função reparadora se configura como aquela em que a jovens e adultos não seja negado o direito de civil, o direito a uma escola de qualidade, o reconhecimento à igualdade. A equalizadora a que promove novas oportunidades como uma busca por igualdade e por fim, a qualificadora, a que permite um desenvolvimento potencial de busca por algo novo, que acompanha o desenvolvimento das ciências e tecnologias, se tornando assim, uma educação de efetiva qualidade.

A EJA teria como base, oferecer uma educação que viabilizasse de forma plena as necessidades de formação do indivíduo, estimulando aos jovens e adultos a emergirem na sua condição social e política participando dos seus direitos.

3 A prática da leitura no contexto da EJA

Chegando ao escopo do trabalho, que é analisar como a prática da leitura influencia no processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos da EJA, é importante trazer algumas discussões sobre a leitura.

É de extrema importância enfatizar que a leitura é fundamental na vida dos indivíduos, pois, é por meio dela que se compreende desde a decodificação de símbolos gráficos, até à análise reflexiva dos seus conteúdos. Ruiz (2002, p. 35), afirma que a leitura: “[...] amplia e integra conhecimentos [...] abrindo cada vez mais os horizontes do saber, enriquecendo o vocabulário e a facilidade de comunicação, disciplinando a mente e alargando a consciência”.

Antes da inclusão do sujeito no ambiente escolar, ele já teve seus primeiros contatos com a leitura através do convívio com diversos objetos, em diversos contextos sociais. Entretanto, é no início da vida escolar que o sujeito entra no universo do código linguístico,

através da alfabetização. Mas é importante ressaltar que a alfabetização por si só, não possibilita o sujeito inserir-se nas diferentes situações em que a leitura se faz presente. Diante dessa premissa, inicia-se uma discussão em torno do letramento, ou seja, não basta ensinar habilidades de codificação e decodificação da escrita, é necessário conhecer e saber utilizar essas habilidades em diferentes práticas sociais ligadas à leitura e à escrita, em contextos específicos, para objetivos específicos (SOARES, 2003).

Tornar-se alfabetizado significa codificar em língua escrita (escrever) e decodificar a língua escrita (ler), no entanto, no atual contexto social, isso não é mais suficiente, é preciso ter uma visão crítica, fazer uso das práticas sociais da leitura e da escrita. Isso que torna de fato um indivíduo letrado.

O ponto a ser colocado e pensado se refere à formação do leitor crítico, tal proposta emerge de ações conscientes, direcionadas e pensadas para tal fim. É nesse sentido que os profissionais e a escola desempenham papel relevante, principalmente quando o público alvo são educandos jovens e adultos. Arroyo (2007, p. 30), quanto à essa população diz:

(...) não são acidentados ocasionais, que gratuitamente, abandonaram a escola. Esses jovens e adultos, repetem histórias longas de negação de direitos. Histórias que são coletivas. As mesmas vivenciadas por seus pais e avós: por sua raça, gênero, etnia, e classe social

Esses sujeitos se encontram imersos em uma história regada por desigualdades sociais e segregações, que resulta em expropriação dos seus direitos, que se tornam ao longo do tempo, em inúmeros jovens e adultos que, sem acesso à leitura e à escrita, são preteridos de várias situações de comunicação, impedidos de realizar leituras mais críticas e atentas do mundo e dos acontecimentos cotidianos.

Para sintetizar a importância e influência da escola no processo de aquisição e gosto pela leitura, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), dispõem que:

Para tornar os alunos bons leitores — para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura —, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torná-los confiantes, condição para poderem se desafiar a “aprender fazendo”. Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente. (BRASIL, 1997, p. 43).

As escolas recebem jovens e adultos com origens, traços de vida, vivências profissionais, dificuldade de aprendizagem e estruturas de pensamentos bem variados. Cada aluno corresponde a um tipo de realidade. Considerando esses fatores, é preciso que a leitura seja trabalhada de maneira significativa, possibilitando o diálogo em sala e enfatizando seus valores culturais, sua vivência social, profissional e familiar. Dessa forma, a sala de aula passa a ser um ambiente de reflexão.

Entretanto, conforme revelam as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, a prática escolar em relação à leitura tem sido a de “desconsiderar a leitura e privilegiar atividades de metaleitura, ou seja, a de estudo de texto, aspectos da história literária, características de estilo, etc, deixando em segundo plano a leitura do texto literário” (BRASIL, 2006, p. 70).

Muito se discute sobre a importância da leitura na aquisição de conhecimento, crescimento intelectual, psicológico e social do indivíduo. No entanto, enquanto se afirma isso, destina-se o mínimo de tempo para essa prática, o que ocasiona aos alunos o afastamento cada vez mais da leitura. Vieira (1989) assevera, que mesmo a leitura sendo geradora de descobertas linguísticas, de realidade situadas em tempos e espaços diferentes, de valores sociais e éticos, tal prática, parece ocupar uma parcela mínima do tempo dos jovens e adultos.

Uma escola menos conteudista e menos tradicional, e sim mais social, propicia aos alunos o efetivo letramento, criando mecanismo para além de saber ler e escrever, e sim ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita, dando possibilidade de refletir, criticar e de opinar sobre o mundo ao seu redor.

Nesse processo de formação leitora, o mediador é o agente principal para despertar o interesse pela leitura. O professor como mediador encontra alguns desafios, como a necessidade de explorar a variedade, uma vez que é importante que o aluno esteja apto a ler diferentes linguagens (verbais e não verbais), em diferentes mídias, pois é preciso acompanhar as mudanças das novas formas de leitura do mundo moderno.

A respeito da competência leitora, a motivação no âmbito da EJA é mais desafiadora. Uma criança bem estimulada que passa por várias etapas formais e não formais de leitura, tem mais possibilidade de se tornar um leitor pensante, mas os alunos da EJA em sua maioria, não tiveram a chance de passar por etapas e estímulos. Os motivos que justificam a falta de leitura desse público, são os mais variados, como falta de hábito, falta de tempo, falta de interesse, dificuldade de compreensão, dificuldade de acesso, entre outros, como veremos mais adiante nos resultados.

4 METODOLOGIA

A pesquisa se configura como um conjunto de procedimentos que visam produzir novos conhecimentos. Gil (2002, p. 2) esclarece pesquisa como:

[...] o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não se possa adequadamente relacionar ao problema.

A natureza dessa pesquisa teve cunho qualitativo. Os estudos qualitativos ocupam um relevante lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais. De acordo com Godoy (1995), um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual faz parte. Para tanto o pesquisador vai a campo, analisar o fenômeno em estudo, a partir das perspectivas dos agentes nele envolvidos, considerando os pontos de vista relevantes.

Assim sendo, a presente abordagem se deu por meio de uma pesquisa de campo, realizada na EJA Escola Cidadã Integral José Soares de Carvalho, na cidade de Guarabira – PB. A EJA pesquisada, está atualmente em funcionamento no prédio da EEEF Desembargador Pedro Bandeira, devido à reforma de sua sede.

Para a coleta de dados que serão analisadas e discutidas nas próximas seções, foram realizadas em forma de entrevistas com questionários semiestruturados³, gravadas em mídia para dar mais agilidade à pesquisa. De modo que foram utilizadas uma específica para o professor, e outra para os alunos.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A EJA participante conta atualmente com 236 alunos matriculados, porém alguns já desistiram, outros frequentam esporadicamente as aulas, em média o quantitativo diário de frequência gira em torno de 115 alunos.

A entrevista foi realizada com 30 alunos, com faixa etária que variou entre 17 a 41 anos, e também o professor de português.

³ Um questionário semiestruturado apresenta questões abertas, ou seja, em que o entrevistado pode responder livremente e, também, questões fechadas, aquelas que apresentam respostas pré-definidas.

As perguntas contidas no questionário iniciaram com questões referentes à nome, idade e estado civil, seguidas de perguntas pertinentes à pesquisa, como o interesse pela leitura, se português é uma matéria que gostam, se já leram algum livro, se sabem o que significam gêneros textuais, se costumam ler coisas do cotidiano (rótulos, bulas, cartazes), se já receberam e enviaram cartas ou e-mails, se possuem redes sociais. Vale ressaltar que, a sequência de relatos, não corresponde à sequência dos entrevistados, não estão em ordem cronológica.

De acordo com Paulo Freire, o importante do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária”, é que os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutam o seu pensar e sua própria visão de mundo. Contrariando assim o método tradicional, onde o professor é detentor do conhecimento. A educação na concepção de Freire é baseada na relação mútua e troca de experiências, onde é possível alfabetizar com aquilo que nos rodeia. A escola precisa ensinar o aluno a “ler o mundo”. “ Não há razão para se envergonhar por desconhecer de algo, testemunhar a abertura de outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa” (FREIRE, 1999, p. 153).

Diante disso, veremos um relato de um aluno da EJA de 31 anos, quando perguntado sobre a sua prática de leitura, se tinha o hábito de ler, respondeu que não, e quando questionado sobre o fato de ler coisas do cotidiano, relatou que por conta do trabalho atual, estava lendo coisas referentes ao ofício. Deixando claro a sua visão a respeito do que considera como leitura, quando na verdade não se pode desconsiderar a sua prática atual, como processo de aprendizagem. Segue o relato:

Eu não tenho mania de ler não, na verdade nunca tive, mas agora que estou num serviço de instalar som de carro, aí tô me interagindo mais, porque tem coisa que já sei, mas tem coisa que pra mim é novo, aí tô lendo coisa sobre isso, também pesquiso na internet porque tem muita coisa mudada e tenho que está por dentro. Mas livro gosto não. (sic) (Participante nº4).

Os professores comprometidos com a Educação de Jovens e Adultos, têm que buscar mecanismos e métodos que estimulem a aprendizagem relacionada à realidade do público alvo, visto que é o mediador e estimulador dos seus alunos.

Uma boa alternativa seria realizar rodas de leitura com pequenos contos que retratassem o cotidiano de trabalhadores, a representatividade é algo muito estimulante.

Quando perguntados se gostavam da disciplina de português, 18 responderam que sim, os demais, relataram outras disciplinas como suas preferidas. Sobre se a maior dificuldade se

encontrava na escrita ou na leitura, a maioria relatou que sente mais dificuldade em ler, principalmente se a leitura tiver que ser feita em público.

Os gêneros textuais estão presentes no cotidiano dos indivíduos. Marcushi (2008, p. 40) afirma que “contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia”. Os alunos da EJA, assim como todas as pessoas, lidam em seu cotidiano, com vários gêneros textuais, nas diversas esferas da comunicação social. Embora, nem sempre de forma consciente, por isso é necessário valorizar os gêneros textuais, como forma de incentivo à leitura.

Quando perguntados sobre se sabiam do que se tratam os gêneros textuais, poucos disseram saber o que eram, daí depois da explicação, falaram que já tiveram aula sobre os gêneros textuais. Embora, tivessem dito que já leram algum livro, ou que liam os textos instrucionais, (bulas, receitas, manuais, etc.).

Segue o relato da participante nº1, 24 anos, solteira, três filhos:

Pergunta: Com relação em ler as coisas como rótulos, bulas, manuais. Você costuma ler? Sim.

Pergunta: E você já leu um livro completo? Já, eu já li um, não lembro o nome, mas é... tem a ver com a bíblia, entendeu?

Pergunta: Você sabe o que são gêneros textuais? Não. Nunca ouviu falar?

_____ vou explicar: Gêneros textuais, são os diferentes tipos e formas de linguagens de um texto, como romance, cordel, quadrinhos... você já teve essa aula? Ah sim, lembrei agora, sei sim. (Participante nº 1).

A participante nº 3 relatou que iniciou a leitura de um livro, mas não concluiu, também disse não se lembrar do autor e nem o nome do livro. Questionada sobre o que seria gênero textual, não soube dizer o que seria, mas como a participante supracitada, depois da explicação, falou que lembrou da aula dada pelo professor. Outros participantes, também demonstraram ter pouca familiaridade com os gêneros textuais. Diante desses relatos, percebe-se o quanto o incentivo e o conhecimento do que são os gêneros textuais são importantes, tanto na motivação da leitura quanto no processo de aquisição de conhecimento, de criticidade e reflexão e a relação com a escrita. Pois como assevera Pennac (1993, p. 13), “o verbo ler não suporta o imperativo”. Isso posto, compreende-se que quando a atividade de leitura passa a ter teor obrigatório, perde-se o prazer e o encantamento pelo universo da leitura em todas as suas nuances. Quando o papel do professor é limitado a cobrar ficha de leitura, o processo de cativar o leitor regride, a leitura passa a ser associada a algo chato e cansativo. O agente mediador de incentivo dos alunos da EJA é sempre o professor, e precisa ter noção dos letramentos que tais alunos já possuem, para poder adentrar no contexto dos alunos, pois os

desafios são constantes, já que outros meios em detrimento do hábito de ler vão aparecendo, como as redes sociais. Todos os alunos pesquisados possuem redes sociais.

Alguns alunos da EJA estudada, têm o hábito da leitura e reconhecem a importância para sua formação intelectual e social, a aluna participante nº 2 relatou:

A língua portuguesa é muito difícil, por isso eu gosto de ler, para aprender mais, só que eu tenho dificuldade de escrever, aí quando vou escrever e não sei uma palavra, eu pergunto a alguém ou pesquiso na internet, quando eu estou lendo, também, quando vejo uma palavra que nunca vi, vou atrás do que é. Eu já li Augusto Cury, porque gosto de ler livros que preencha a sua vida. (sic).

Quando perguntada sobre se já escreveu alguma carta ela disse que sim. *“Já escrevi para minha vó, não que eu seja velha, mas minha vó sabe ler, mas não sabe usar zap. E acho que até pra usar as redes sociais, a gente tem que saber como escreve, para as pessoas não entenderem errado, interpretar de outra forma.” (sic).*

Percebe-se no relato da aluna, uma visão menos limitada da leitura, ela reconhece a complexidade da nossa língua, mas vê na leitura a possibilidade de enriquecer seu vocabulário, não se restringindo apenas a ler e escrever de forma a interagir nas redes sociais, e sim como meio de ascender intelectualmente.

O participante nº 10, disse que não gostava de português, mas gosta muito de história, e sabe que quem gosta de história tem que ler muito também, mas não gosta muito de escrever. Falou: *“Eu não tenho cabeça pra escrever não, mas já li o livro ‘A Segunda Guerra Mundial’, gosto muito de livros que falam de períodos da história”.*

Esse relato é um exemplo claro que conhecer o perfil de cada educando é primordial, sendo ele um apreciador de fatos históricos, a apresentação de livros que tratam do tema, seria muito mais proveitosa e estimulante do que impor que todos da sala leiam a mesma obra. A individualização é um passo muito importante para a aquisição do gosto pela leitura.

O participante nº 13, de 23 anos, foi o que mais demonstrou familiaridade com os gêneros textuais, disse que gosta muito de português, e gosta de todo tipo de gêneros textuais, filmes, músicas, todos os tipos de livros, como poesias, dramas, romances, ficção científica, entre outros. Segue o relato: *“Já li alguns livros, como ‘A Roda do Tempo’, já li ‘O Corvo’ e mais recentemente li ‘A Cor que Caiu do Céu’. Meu sonho é escrever um livro, na verdade tenho já alguns trechos escritos, mas não tenho tido muito tempo.”*

Aqui percebe-se um aluno que possivelmente foi estimulado desde cedo a ler, provavelmente dentro do âmbito familiar, pessoas do seu convívio tinham hábito de ler e isso

deu acesso aos livros, criando e mantendo o hábito de ler. Diferente da maioria do público da EJA, que só adentram no mundo literário através da escola.

Agora segue o relato do professor de português da EJA estudada. Perguntado sobre qual dificuldade do público estudado se encontra na leitura ou na escrita, ele diz:

Na verdade, a dificuldade dos alunos tanto no fundamental quanto no médio são os dois, tanto na escrita, como na leitura. Na leitura, pelo fato deles não gostarem de ler, mesmo que tragamos na sala de aula alguns gêneros textuais, inclusive os mais modernos, até mesmo as tirinhas, nós trabalhamos bastante, charges, cartuns, ainda assim, não motiva como deveria, muitas vezes, pela falta de interesse do próprio aluno, e isso implica claro, negativamente na produção de texto. Eles têm preguiça também de produzir textos. A gente nem sempre trabalha somente os gêneros textuais, a gente trabalha por exemplo artigo de opinião, que é comum no ensino médio, por conta que o próprio Enem cobra o texto dissertativo argumentativo todos os anos, então o foco maior do segundo ano e terceiro ano é o texto dissertativo argumentativo, como o artigo de opinião, o texto informativo, a gente trabalha muito com isso, mas assim, a gente percebe que a dificuldade maior em relação a escrita e leitura, é a falta de interesse do aluno mesmo e acredito pelas questões das redes sociais, pois elas atrapalham nesse sentido, porque nesse dinamismo de se querer tudo muito rápido, então eles querem textos curtos e quando vão produzir o texto, produzem poucas linhas, e ainda perguntam por exemplo: quantas linhas professor? Então assim, diante dessa correria, eles têm preguiça mesmo de ler textos como deveriam ler, têm preguiça de escrever. Quando o aluno é proficiente em língua portuguesa, tanto na escrita, como na leitura, ele vai ser bom em todas as outras áreas, porque todas as outras disciplinas implicam interpretação textual, a leitura que não é só decodificação de palavras, a leitura é uma referência de vários sentidos, então claro que qualquer atividade de qualquer disciplina que ele se deparar, ele com certeza terá êxito, porque ele consegue interpretar. O problema é que ainda há uma falta de interesse por parte do aluno, o professor se interessa, o professor busca motivar o aluno, mas é complicado, principalmente na EJA que a gente tem um público bastante desmotivado, que já deixaram seus estudos no passado e agora estão retomando, alguns são até interessados, mas o problema é que como eles não lembram mais da base, apresentam muitas dificuldades e outros é porque não querem mesmo.

O relato do professor da EJA, enfatiza que são trabalhados gêneros textuais, como charges, cartuns, entre outros gêneros, no entanto, não é suficiente para motivar os alunos. Atribui essa dificuldade à alguns fatores, entre eles, redes sociais, que propaga uma cultura de imediatismo, e cansaço pela dupla jornada que eles enfrentam, que ocasiona preguiça de ler. Então, segundo ele, mesmo com a motivação do professor, o público específico da EJA é desmotivado e não apresenta interesse.

Questionado sobre livros em sala de aula, ele fala:

Livros, não. Sendo bem realista nós não trabalhamos livros literários com eles ainda. Por exemplo, tem na biblioteca resumos de romances clássicos, como Dom Casmurro de Machado de Assis, Senhora, temos, mas ainda não trabalhamos, inclusive no meu programa anual eu coloquei para trabalhar Dom Casmurro em resumo já no quarto bimestre, lá para meados de outubro, como é resumido e são alunos da EJA, mas a gente também não pode subestimar porque temos muitos alunos bons, aí irei trabalhar Dom Casmurro, mas no geral não trabalhamos obras literárias.

No plano anual do professor, foi colocado uma ação de trabalho com um resumo de uma obra literária no 4º bimestre, que se apresenta como um ponto favorável, embora a utilização de um livro no decorrer dos outros períodos, seria muito significativa e poderia acarretar melhores resultados.

Perguntado se existe, sugestões ou interesse de indicação de livros por parte dos alunos:

“Não recebo por exemplo nenhuma sugestão de aluno em relação a indicação de livros. Tipo: professor olhe, eu gostaria de ler tal livro. Professor o senhor já leu o livro tal? Eles não trazem sugestão de livros de leitura, são bem apáticos em relação a isso”.

Como já mencionado pelo professor anteriormente, não existe por parte do aluno interesse em desenvolver o hábito da leitura, muitos fatores colaboram para esse posicionamento, como: falta de tempo, cansaço, falta de incentivo familiar, redes sociais.

Sobre a eficácia do gênero literário música, trabalhado em sala de aula da EJA, ele ressaltou:

É bom. Assim, eu não trabalhei ainda este ano, sendo bem realista, trabalhei em anos anteriores. Surte um efeito bastante positivo trabalhar música, porque realmente eles se envolvem, e a partir da música a gente trabalha interpretação propriamente dita e a gente pode trabalhar as questões gramaticais que estão atreladas à música. É um gênero textual bastante positivo

Embora reconheça que o gênero música é um meio viável e muito positivo de aprendizagem, não foi trabalhado esse ano, e sim em anos anteriores.

Com a coleta dos relatos, percebeu-se a importância do professor que atua na modalidade EJA, uma vez que, é importante que esse profissional esteja apto em conhecer as particularidades dos educandos e se proponha a ajudá-los na transformação de conhecimento e aprendizado para a vida toda. No caso do professor específico, ele atribuiu a falta de interesse dos alunos, na dificuldade de aprimorar a leitura como meio de aquisição de

conhecimento, embora não generalizasse esse entrave, enfatizou que esse é um grande empecilho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprender a ler e escrever é o objetivo primordial apresentado desde a mais tenra idade, e a escola se configura como ponte desse objetivo, no entanto, acreditou-se por muito tempo ser suficiente ensinar as letras, símbolos, palavras e a escrita cursiva, a partir disso, os educandos teriam condições de continuar lendo e escrevendo, na escola e nos demais espaços. Tal concepção fragmentada das atividades com leitura e escrita, foi responsável em grande parte, pela formação em larga escala de analfabetos funcionais (pessoas que leem e escrevem, mas não conseguem utilizar socialmente o conhecimento).

A leitura pode ser um meio facilitador para uma boa escrita e com isso ganhar condições de transcender seu papel, onde estudantes leem e não sabem interpretar o que está escrito, escrevem, mas têm dificuldade de dizer o que pretendiam. Assim sendo, as práticas de leitura e escrita estão longe de serem ferramentas de inserção social, se não forem bem estimuladas, na ausência de estímulos e de empenho em conhecer as especificidades dos educandos, a leitura servirá apenas como simples instrumento de comunicação que dificilmente atinge o seu verdadeiro objetivo.

Esta pesquisa teve o intuito de analisar sobre a prática da leitura no processo de ensino e aprendizagem da EJA Escola Cidadã Integral José Soares de Carvalho, na cidade de Guarabira – PB. Teve como objetivo geral analisar as metodologias adotadas para a inserção e motivação da leitura nessa modalidade de ensino. Para atingir o objetivo almejado, foi necessário traçar o perfil dos educandos da EJA da escola estudada, investigar a importância e o significado da leitura para esses indivíduos, observar se há incentivo por parte do professor de português em relação a essa prática e que meios.

Depois das análises dos dados coletados através das entrevistas semiestruturadas, chegou-se a seguinte conclusão sobre os perfis dos alunos: são pertencentes a classe baixa, com idades que variam de 17 a 41 anos, com predominância para os mais jovens, alguns trabalham e estudam, outros estão em busca de uma qualificação profissional. Todos reconhecem a importância da leitura em suas vidas, embora, a maioria não sejam leitores assíduos. A escola por sua vez, não mantém um projeto de leitura, e o professor atribui aos alunos a dificuldade de implementações de ações voltadas para a leitura, considera que um dos motivos seriam as redes sociais, que ocasionam preguiça. De acordo com o professor, o

desinteresse dos educandos se firma como o maior entrave na questão da aquisição de conhecimento através do processo de leitura. Desconsiderando todas as dificuldades em torno dessa falta de interesse, como: pouca participação da família ao longo da sua formação leitora, falta de tempo, cansaço físico, falta de acesso, entre outros fatores condicionantes. O papel do professor é buscar alternativas de reversão de quadros desmotivadores. Sendo assim, a escola estudada, apresenta dificuldades inerentes a qualquer público da modalidade EJA, não é um caso isolado, os alunos relataram problemas como quaisquer outros alunos que enfrentam dupla jornada, mas a escola que tenha ações motivadoras, conseguem experiências exitosas, embora de forma muito lenta e gradual. Embora o professor tenha relatado que trabalha gêneros textuais, não incentiva de maneira efetiva os seus alunos, pois quando afirma que só no 4º bimestre irá trabalhar com resumo de obra literária, evidencia que sua metodologia apenas cumpre uma sistematização, não propiciando de maneira efetiva e plena, a concepção da leitura questionadora, reflexiva e crítica.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARROYO, Miguel. Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e responsabilidade pública. In: GOMES, N.L.; GIOVANETTI, M.A.G.; SOARES, L. **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- BARBOSA, Jeová. **EJA, Recuperando Percas**. Disponível em: <http://ejaqualidadeouquantidade.blogspot.com/p/ifuncoes-da-educacao-de-jovens-e.html> Acesso em: 25 set. 2019.
- BELLO, José Luiz de Paiva. **História da Educação no Brasil**. Disponível em: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:lyPqOMR6uYYJ:www.ifro.edu.br/site/wp-content/uploads/documentos/proeja/panorama_geral_da_eja/historia_da_educacao_no_brasil.doc+&cd=10&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br Acesso em: 02 set. 2019.
- BRASIL, **Lei nº 5.692 de 11 de agosto de 1971**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm Acesso em: 03 set. 2019.
- BRASIL, **Parâmetros Nacionais Curriculares/Português**. Brasília MEC/ SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf> Acesso em: 03 out. 2019.

BRASIL, **RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 1, DE 5 DE JULHO DE 2000** Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB012000.pdf> Acesso em 17 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Linguagens, códigos e suas tecnologias: orientações curriculares para o ensino médio**, volume 1. Brasília, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf Acesso em: 10, out. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Pais e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 35. ed. São Paulo: Pais e Terra, 1999.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. **História da Educação Brasileira**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2008.

Gil, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas** São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai ./Jun. 1995.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n.14. p. 108-130. Jul./ago. 2000.

MACHADO, Maria Margarida. A educação de jovens e adultos no Brasil pós-Lei nº 9.394/96: a possibilidade de constituir-se como política pública. **Em Aberto**, Brasília, v.22, n.82, p. 17-39, nov., 2009.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

MARTINS, Adelaide Terezinha de Almeida; AGILARDI, Delcio Antônio. **A Legislação de Educação de Jovens e Adultos a partir da Constituição Federal de 1988**. ANAIS DO SEMINÁRIO DIALÓGOS COM A EDUCAÇÃO Desafios da EJA contemporânea 19/10 e 22/11/2013. ISSN 2318-3802. UCS. Universidade de Caxias do Sul, 2013. Disponível em: http://ucsobservatorios.com.br/uploads/2013/Políticas_de_EJA/Trabalho/07_05_50_A_LEGISLACAO_DE_EDUCACAO_DE_JOVENS_E_A.pdf Acesso em: 02 set. 2019.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SOARES, Leôncio José Gomes. A educação de Jovens e Adultos: momentos históricos e desafios atuais. **Revista Presença Pedagógica**. 2 v. nº 11: Dimensão, set/out, 1996.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, abr. 2003.

VIEIRA, Alice. **O Prazer do Texto: Perspectivas para o ensino da literatura.** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA. 1989.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Senhor (a),

Esta pesquisa intitulada. **A IMPORTANCIA DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA ESCOLA PÚBLICA**

Está sendo desenvolvida por Laysa Valéria Alves de Sousa, aluna do Curso de Letras, na linha de pesquisa em Educação de Jovens e Adultos, pela Universidade Estadual da Paraíba. Campus III- Guarabira PB. Sob a orientação do Professor Doutor Juarez Nogueira Leite.

O objetivo geral da pesquisa é analisar a importância da leitura como processo de aquisição de conhecimento dos alunos da modalidade EJA.

Solicitamos a sua colaboração para a concretização desta pesquisa, a qual será necessária à realização de uma entrevista gravada em áudio (seguida de um roteiro de questões semiestruturadas sobre a origem familiar, cotidiano, formação e atuação educacional), como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revistas científicas. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos previsíveis.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador (a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do (a) Orientador (a) Responsável

Assinatura do (a) Pesquisador (a) Responsável

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

□

APÊNDICES

APÊNDICE A -QUESTIONÁRIO DOS ALUNOS

A IMPORTANCIA DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA ESCOLA PÚBLICA

- 1) Participante ____
- 2) Nome:
- 3) Idade:
- 4) Estado civil:
- 5) Tem filhos?
- 6) Profissão:
- 7) Português é uma matéria que você gosta?
- 8) Você acha que quem ler bem, escreve bem?
- 9) Você tem rede social? Se sim, quais?

- 10) Qual a importância da leitura na sua vida?
- 11) Você costuma ler as coisas a sua volta? (Bula de remédio, rótulos de embalagens, receitas...)
- 12) Você já leu algum livro?
- 13) Você sabe o que são gêneros literários?
- 14) Você já escreveu ou recebeu alguma carta?

APÊNDICE B- QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR

A IMPORTANCIA DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES CRÍTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NA ESCOLA PÚBLICA

- 1) Nome: _____
- 2) Tempo de atuação: _____
- 3) Tem formação continuada em Educação Popular? _____
- 4) Gosta de lecionar para esse público? _____
- 5) A maior dificuldade que apresentam se refere à leitura ou à escrita? _____
- 6) Que tipo de incentivo é ofertado aos alunos da EJA par desenvolver o gosto pela leitura? _____
- 7) Existe pedidos de sugestões de livros por parte dos alunos? _____
- 8) O gênero literário música é utilizado? _____